

## MEDIAÇÕES DE UM TEMA: A VIOLÊNCIA DA VOZ NAS LITERATURAS DE FRONTEIRA

Profa. Dra. Léa Masina  
UFRGS

*O que tenho diante dos olhos, impresso ou manuscrito, é apenas um pedaço do tempo, coagulado no espaço da página ou do livro. Enfrento aí uma dificuldade dupla. De um lado, o afastamento proveniente da historicidade de meus conceitos críticos e de seus pressupostos, projetando sobre um objeto diferente minha própria identidade cultural. De outro, minha ignorância (tratando-se de um texto sobre o qual pesa o presumir-se uma oralidade) do modo de articulação do auditivo sobre o visual numa civilização de forte dominância oral. Somente a prática permite, se não resolver, ao menos esclarecer empiricamente essas contradições., Por cruzamento de feixes de informações, por deslocamento de perspectiva e de visada, a partir de um ponto de vista intuitivamente escolhido, esforçarmo-nos para sugerir um acontecimento: o acontecimento-texto; “representar” o texto-em ato, integrar essa representação no prazer que se sente na leitura. ( Paul Zumthor, A Letra e a Voz).*

A etapa de trabalho que ora desenvolvo no projeto de pesquisa “Influxos platinos na literatura brasileira”<sup>1</sup> consiste em identificar as mediações da voz nas literaturas de fronteira. Nessa perspectiva, busco resgatar a voz que se manifesta de modo nem sempre claro e muitas vezes latente nos textos de narradores gaúchos considerados pela crítica como regionalistas ou neo-regionalistas.

A revisão do regionalismo gaúcho é, portanto, questão decorrente dessa perspectiva crítica. Para apreender o registro literário das falas locais foi preciso romper com as hierarquias entre os subsistemas literários e comparar os diferentes falares, examinando as relações entre a literatura oral e a escrita. Curiosamente, a grafia da fala das personagens foi um dos principais argumentos de que se serviu a crítica modernista para desvalorizar a literatura regionalista gaúcha

---

<sup>1</sup> O projeto integra o projeto coletivo *Arquivos brasileiros, arquivos argentinos: confluências*, Linha de Pesquisa *Memória e Representação Literária na América Latina*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Pereira, GT de Literatura Comparada da ANPOLL.

considerando-a anacrônica e reacionária. Segundo as tendências dominantes no Brasil nos anos setenta e oitenta, a fala das personagens, grafada com suas diversidades fonéticas, acentuava a distância entre o narrador culto e as personagens rudes e incultas, evidenciando o afastamento deles, eis que o autor, ao contemplar de longe as suas personagens, as reificava.<sup>2</sup> Nesse mesmo sentido, liam-se as descrições das paisagens campeiras como “manchas” que contaminavam o texto, estratificando-o e transferindo para ele a imobilidade de uma visão de mundo congelada no tempo. Assim, concluía-se que as literaturas regionalistas e neo-regionalistas eram conservadoras e reacionárias por serem saudosistas de um passado épico perdido e, também, por registrarem a fissura entre as vozes do narrador e das personagens, com isso acentuando seus desníveis sociais e culturais.

Não obstante o consenso da época, que considerava as manifestações regionalistas no Rio Grande do Sul como sendo “velha praga” ou “insidiosa presença”<sup>3</sup>, elas sobreviveram mediadas por outras linguagens. Além de sua representação no discurso de epígonos provincianos, tais manifestações podem ser lidas nos textos de artistas plásticos, de escritores, músicos, teatrólogos e cineastas que retomam o filão sob novas perspectivas. Assim, a permanência da temática regionalista pode ser entendida como índice de diferenciação e de resistência à homogeneização ditada pela cultura globalizada, o que se acentua na segunda metade do século XX. Nesse sentido, é possível pensar as articulações possíveis entre intertextualidade e retórica, eis que a distância cronológica com relação aos textos literários dos primeiros regionalistas permite

---

<sup>2</sup> Os estudos de Ligia Chiappini : *Regionalismo e Modernismo* (1978) e *No entretanto dos tempos* (1988) constituem referência obrigatória quando se trata o Regionalismo Gaúcho. Neles a autora estabelece uma tipologia da narrativa regionalista, aprofundando o estudo da obra de Simões Lopes Neto.

<sup>3</sup> Essa opinião era também partilhada por Ligia Chiappini e Walnice Nogueira Galvão, que representaram um dos segmentos mais representativos e importantes da crítica brasileira nos anos 70 e 80.

perceber com maior clareza as oposições culturais que se configuram nos diferentes modos de dizer.

Por outro lado, além de confundir-se, hoje, com o conceito amplo de literatura fronteiriça, o regionalismo está presente nos textos que diferenciam as etnias formadoras o substrato cultural do Rio Grande do Sul. Ele se acentua quando a nostalgia e o sofrimento de um sentir transitório articula-se na linguagem. Embora não seja este o enfoque do meu trabalho, refiro, como exemplo, a expressão dos imaginários das literaturas judaica, alemã, portuguesa e outras, presentes no Rio Grande do Sul e também em outras regiões culturais do Brasil e de outros países, que sugerem um mapeamento temático e identitário para a produção literária em geral.. Muito mais do que diversidades locais, o regionalismo, assim entendido, expressa tensões culturais e processos de apropriação e transformação de bens simbólicos que representam um nicho importante para os estudos comparatistas.

O exame da literatura de fronteiras permite supor que o desejo de definir e preservar uma identidade local, objeto de inúmeros estudos comparados e transdisciplinares, está presente na orquestração de múltiplas vozes. A partir do século XIX, essa heterogenia foi o modo proposto pelo escritor regionalista para dar conta da função social que a comunidade discursiva do seu tempo atribuía à literatura. Cabe lembrar, a esse respeito, as reflexões do crítico peruano Antonio Cornejo Polar com relação ao paradoxo latino-americano decorrente do surgimento da modernidade num corpo social historicamente atrasado: a voz dominante do escritor, comum nas narrativas regionalistas e *costumbristas* brasileiras e platinas, está a apontar para *la simultaneidad contradictoria de dos tiempos diversos com sus racionalidades diferenciadas, en la conciencia*

*de un solo sujeto* (um sujeito social constituído pelos *criollos independentistas*)<sup>4</sup> A busca da harmonia vocálica, uma das facetas da modernidade, impôs ao escritor o dever de falar como um sujeito social, ainda que, muitas vezes traído por ideologias de classe. Assim, nos textos fundadores do regionalismo gaúcho, a correspondência entre a intenção do escritor e o desejo de atender a um imperativo ético, decorrente de seu papel na mediação de idéias e culturas, teve por consequência o predomínio de sua voz sobre as demais. Convém lembrar que os escritores eram provenientes da oligarquia sul-rio-grandense, tendo vivido na campanha e residindo, depois, nas capitais do país. Do mesmo modo ocorreu no Uruguai e na Argentina, onde o escritor era o jornalista, o homem de letras, o político, cuja voz e liderança se alojavam no texto literário, entendido como espaço de exposição e defesa da modernidade. Como já tive ocasião de desenvolver em livro<sup>5</sup>, o escritor Alcides Maya exemplifica essa tendência. No entanto, a conseqüente intenção propedêutica dessa expressão literária virá a ser transformada, no Rio Grande do Sul, pela Geração Gaúcha de 30<sup>6</sup>, representada por escritores que substituem a voz dominante e patriarcal por outras, irmanadas e conjugadas em torno do *constructo* teórico de *povo*. Cabe, aqui, lembrar as transformações sociais que ocorrem no Brasil nos anos 30, muitas delas ligadas à ditadura de Getúlio Vargas e ao aproveitamento das mitologias locais como elementos de propaganda demagógica e propagação de idéias nacionalistas e populistas.

---

<sup>4</sup> POLAR, Antonio Cornejo. *La literatura hispano-americana del siglo XIX*. In: STEPHAN, Beatriz Gonzales et al. *Esplendores y miserias del siglo XIX: cultura y sociedad en America Latina*. Caracas: Monte Avila, 1995. 11-23. p. 19

<sup>5</sup> MASINA, Léa. *Alcides Maya, um Sátiro na Terra do Currupira*. Porto Alegre: IEL/Unisinos, 1998.

<sup>6</sup> O assunto é tratado em diferentes ensaios em: MASINA, Léa e APPEL, Myrna Bier. *A Geração Gaúcha de 30*. Porto Alegre: EDURGS, 2000.

Por outro lado, uma visada ampla da literatura gaúcha permite ver que o fronteiriço absorve o *constructo* teórico do regionalismo e o transforma sob o influxo das culturas platinas. A identidade ibérica e as analogias históricas e sociais entre o Brasil e os países do Prata tiveram por consequência uma similitude de temas e motivos comuns às literaturas rio-platenses e brasileira. Dentre esses, impõe-se a violência que, sob diferentes formas, está presente na constituição dos imaginários dominantes. Conforme divulguei em ensaio recente<sup>7</sup>, o sofrimento que advém da condição de ser fronteiriço decorre da incerteza do pertencimento, eis que o *locus* de enunciação do escritor situa-se entre diferentes mundos. Operar a aproximação teórica dos conceitos de *gauchesca* e *regionalismo de fronteiras* torna--se obrigatório porque as regiões fronteiriças articulam a superposição e a inclusão de diferentes culturas, em permanente tensão. Nas regiões de fronteira, a busca do entendimento da identidade passa, necessariamente, pela indagação: quem são os “nós” e quem são os “outros” cujas vozes promanam de um espaço em que se multiplica a heterogeneidade. Ao fazê-lo, o texto literário transforma a língua, incorporando a oralidade à escritura.<sup>8</sup>

No Rio Grande do Sul, o “mal estar” do homem fronteiriço está presente na obra de muitos escritores. Nascidos e criados em cidades da fronteira, como Alegrete, Livramento, Quaraí, Uruguaiana, e emigrados para a “cidade letrada”, para usar a expressão de Ángel Rama, suas obras trazem a marca lingüística da diferença que se acentua se lida em sua polifonia e, portanto, numa relação de *intervocalidade*, tal como concebeu o antropólogo e medievalista

---

<sup>7</sup> Refiro-me ao artigo *As exéquias da crueldade*, cujo resumo apresentei no encontro preparatório para o Congresso da ANPOLL, realizado em outubro de 2001, em Porto Alegre, e que foi publicado pela Revista de Literatura Brasileira da FAPA em 2001.

<sup>8</sup> A propósito: TORRES, Maria Inés de. *Los otros/los mismos: periferia y construcción de identidades nacionales en el Río de La Plata*. In: STEPHAN, Beatriz et al.: 1995, p. 243-260.

francês Paul Zumthor. Para ele, nas mediações da “tradição” ocorre o domínio da variante. A partir desse elemento, impõe-se a noção de “movência”, segundo a qual pode-se ouvir uma *rede vocal imensamente extensa e coesa* (...) que seria o *murmúrio dos séculos*; do mesmo modo, pode-se também ouvir, isolada, a própria voz do intérprete<sup>9</sup>.

Na literatura sul-rio-grandense, o registro escrito de expressões orais, ou os textos escritos com a intenção de preservar e representar a oralidade, sugerem examinar a polifonia, recuperando a recepção dos destinatários do texto, *quaisquer que sejam as modalidades e o estilo de performance* que se manifesta exclusivamente pela voz<sup>10</sup>. Além disso, é preciso observar *a margem de liberdade deixada pelos textos à voz de cada um de seus intérpretes*, eis que *contornos frouxos os limitam de modo imperfeito; fronteiras mal traçadas, muitas vezes incompletas, unem-nos a outros textos mais do que os separam*<sup>11</sup>.

As hipóteses traçadas por Zumthor, com relação à rede mediadora das comunicações intervocálicas, sugerem novo entendimento com relação à literatura sul-rio-grandense de fronteiras. Se a corrente intervocal repercute literal e sensorialmente o eco de outros textos, podendo transformá-los, a voz do narrador e a voz das personagens representam um conjunto social diversificado, porém *homogêneo e coerente em suas profundezas*, eis que *a poesia engloba*

---

<sup>9</sup> Para Menéndez Pidal, a “tradicionalidade, ou “assimilação do mesmo”, procede da “ação contínua e interrompida das variantes”. Combina (contrariamente à transmissão puramente escrita) reprodução e mudança: a “movência” é criação contínua.. ZUMTHOR, 1993, p.145.

<sup>10</sup> Segundo Zumthor, a intervocalidade se desdobra simultaneamente em três espaços: aquele em que cada discurso se define como o lugar e transformação (mediante e numa palavra concreta) de enunciados vindos de outra parte; o de uma audição, “hic et nunc”, regida por um código mais ou menos rigorosamente formalizado, mas sempre, de algum modo, incompleto e entreaberto ao imprevisível; enfim, o espaço interno ao texto, gerado pelas relações que aí se amarram. Id. ibidem.

<sup>11</sup> ZUMTHOR, op. cit. p. 147.

*e representa todas as práticas simbólicas do grupo humano*; aqui, convém lembrar que alguns textos fundadores da literatura gaúcha, como o *Martín Fierro*, de Hernández, o *Tabaré*, de Zorrilla de San Martín, e, ainda, textos registrados e recolhidos em diversos cancionários regionais brasileiros, põem em circulação uma rede de memórias compartilhadas. Além disso, *se a intervocalidade atua ainda com mais evidência quando os poetas em causa viveram no mesmo território*, cabe pensar que a relação entre os escritores fronteiriços obriga a contemplar o aspecto performático. Nesse sentido, seu repertório temático renova-se sob os influxos das analogias sociais e históricas, como representação dos imaginários de culturas limítrofes.

Embora a performance passada não possa mais ser reconstituída e, portanto, fuja à exatidão do intérprete, os estudos da literatura de fronteiras devem considerar a “movência” dos textos e suas transformações, eis que *da palavra ao escrito, ou vive-versa, há uma descontinuidade*<sup>12</sup>. Além disso, a voz não tem modelo mas, porque ocorreu, ela tem valor. Este identifica-se com a experiência mediada, *porque toda palavra pronunciada constitui, enquanto produto vocal, um signo global e único, tão abolido quanto percebido*.<sup>13</sup> Então, se o texto literário é fruto de uma pulsão psíquica que se articula em palavras, são estas o espaço de convergência de sentimentos, visíveis, perceptíveis, recalcados que se transformam em imagens em busca de representação. A pulsão, por sua vez, decorre de experiências e de situações limites, arquivadas ou *borradas* na memória, que se atualizam para que o escritor possa respirar. Na região das fronteiras gaúchas, a violência da lide cotidiana, impressa no comportamento e nos procedimentos diários das estâncias e das regiões que fazem a divisa entre os países meridionais da América do Sul, potencializou-se nos imaginários das guerras e, principalmente, na

---

<sup>12</sup> ZUMTHOR: 1993, p. 220.

<sup>13</sup> Id. Ibidem.

indefinição do espaço de pertencimento do sujeito. Entretanto, a mediação da violência, que ocorre na voz, não se limita à diacronia dos acontecimentos. As guerras de demarcação de fronteiras, as lutas entre oligarquias dos campos, os embates pela dominância política das regiões, o caudilhismo, as charqueadas, as práticas rudes, os cometimentos que amesquinham o homem ou que o vitimizam – seja ele o índio charrua e guarani, o negro escravo, o *criollo*, ou o gaúcho brasileiro e rioplatense - determinam um espaço fronteiriço e seus imaginários.

Nesse sentido, estudar a mediação da violência implica examinar o processo de transformação das narrativas orais em textos escritos e o desejo, subjacente a estes, de reproduzir a força original de vozes subjugadas pelo tempo. Acredita-se, desse modo, que a mediação da voz para o texto literário, embora transforme os significados, mitigando a violência primordial, expõe as marcas dessa origem. Cumpre rastear-las para contextualizar a voz que grita, denuncia, argumenta ou silencia, eis que o texto literário possui diferentes registros com os quais procura dar conta de compromissos éticos e estéticos que o escritor mantém com o seu tempo.

Por outro lado, sabe-se que o “entre-lugar”, o “fronteiriço”, o “híbrido” e *constructos* similares são conceitos teóricos já bastante saturados por conotações diversas. Têm eles em comum o fato de se fundamentarem os estudos comparados latino-americanos, representando a contribuição teórica de críticos e pesquisadores cujo pensamento e cuja visão convergem para a constatação do compromisso ético da América Latina com o conhecimento e o respeito à diferença. As duas últimas décadas de estudos comparados enfatizaram a importância das teorias pós-coloniais para o entendimento e a reavaliação crítica da cultura latino-americana. Sem perder de vista a importância da literatura, os estudos comparados estão, em sua maioria, recuperando o contexto como condição indispensável para a avaliação crítica de um processo cultural. Grupos



de investigadores latino-americanos vêm-se reunindo em congressos e eventos acadêmicos, patrocinados por centros de pesquisa europeus, com a finalidade de operacionalizar projetos integrados que pesquisem, dentre outras coisas, a cultura das fronteiras. O desejo de contribuir para a compreensão desses processos estimula a escuta das vozes silenciadas pela história; mas exige também a revisão do processo hermenêutico que, com fundamentos epistemológicos datados, muitas vezes contribuiu para encerrar debates ou dar por concluídas questões às quais o tempo veio a dar continuidade. É o caso da tendência à expressão regional, que se metamorfoseia e amplia.. Essa persistência do elemento regional pode ser entendida também como resposta à “ameaça” da globalização e do cosmopolitismo decorrente da imigração de alemães, italianos, judeus, poloneses e castelhanos. Esta outra face seria o desejo de preservação de uma identidade aglutinadora gaúcha, o que explica o fato de os imigrantes participarem ativamente de centros de tradição e cultura, que funcionam como núcleos de transculturação.

O projeto que desenvolvo propõe ouvir outras vozes que, fazendo eco aos lamentos de *Martín Fierro*, ocupam já por dois séculos as fronteiras gaúchas. No seu percurso, tenho constatado que a violência da voz não é, apenas, metáfora da exclusão social ou do cerceamento da expressão verbal. A dominância de particularidades da voz, na leitura performática e, portanto, sintonizada com o contexto de produção, permite a hipótese de que ela recobre a dor de um corpo violado. Nele, destaca-se a profunda interação telúrica com o espaço geográfico e com a natureza transgredida. E, muito mais do que um ardil romântico, a interação dos sujeitos com seu objeto texto manifesta um desejo de pertencimento e de identidade.

Atropelados pelo capitalismo que chegava ao Brasil e pelo avanço do poder hegemônico regional, desaparecem as personagens que narraram as primeiras histórias regionais. No entanto,

seu registro mnemônico opera a “tradicionalidade” não apenas como “assimilação do mesmo” mas como nova articulação de arquivos. É preciso, pois, reler e aproximar esses arquivos e, assim, recuperar a força performática das vozes de um tempo perdido que, ainda hoje, insistem em se fazerem ouvir.

### **Bibliografia**

- CAMPA, Román de la. Latinoamérica y sus nuevos cartógrafos discurso poscolonial, diásporas intelectuales y enunciación fronteriza. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, Núms. 176-177, Julio-Diciembre 1996; 697-717
- COUTINHO, Eduardo.(Org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- FARACO, Sergio. *Contos completos*. Porto Alegre:L&PM, 1995.
- LOSADA, Alejandro. Bases para un proyecto de una historia social de la literatura en América Latina (1780-1970). *Revista Iberoamericana*. Vol. XLVII, Núms. 114-115, Enero-Junio 1981. 167-188.
- MASINA, Léa. *Alcides Maya: um Sátiro na Terra do Currupira..* Porto Alegre: Unisinos/IEL, 1998.
- MASINA, Léa. *As exéquias da crueldade: uma leitura comparatista*. CIÊNCIAS E LETRAS. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Porto Alegre. N.28, p.315-322. Jul-dez. 2000 .
- MAYA, Alcides. *Tapera*. 2.ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1962.
- PIZARRO, Ana . Discursos e fronteras. In: INDURSKY, F. e CAMPOS, M.C. (Orgs.). *discurso, memória, identidade*. Porto Alegre; Sagra/Luzzatto, 2000.37-48.
- RAMA, Angel. Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana. In: \_\_\_\_ . *La novela en America Latina*. Montevideo: Fundación Angel Rama, s.d. p.203-234.
- RIMSTEAD, Roxanne. Histórias orais como *locus* de resistência. In: PETERSON, Michel (Org.) *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000. P.264-296.

ZUMTHOR, Paul. A encruzilhada dos “rhétoriciens”. Intertextualidade e retórica. *Poétique. Revista De Teoria E Análise Literárias*. Coimbra, Almedina, 1979. 109-169.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Educ, 2000